

CADMO

Revista do Instituto Oriental
Universidade de Lisboa

8/9

東方學研究所
東方學研究所

6. Os ouvidos (p. 137-150). Assim como do ver decorre o conhecer, do ouvido nasce o compreender, certamente porque o ouvir é o espaço da sabedoria, da meditação, da pedagogia, do discipulado. E a sabedoria. O ouvido é o órgão da escola, onde o distante se faz familiar. Por isso, novo axioma acabou por se impôr: *fides ex auditu*. A ética do discurso bíblica assenta numa teologia do ouvir: o ouvir e o agir. Quanto a Deus, o ouvir exprime a sua atitude de acolhimento aos pedidos de quem se lhe dirige.

7. A boca (p. 151-167). O essencial: comer, rir, beijar, falar. A arte e a sabedoria do falar: o bem e o mal pela boca e pela língua. Os matizes da palavra: corrupção, salvação, poder, louvor a Deus.

8. Mão/braço (p. 171-204). Mão é das palavras mais frequentes na Bíblia e é omnipresente o seu espaço simbólico: criação, protecção, saudação, apotropismo, precedência, confrontação de planos e de poderes. Espaço privilegiado é a metáfora de libertação do Egipto com mão forte e braço estendido.

9. Os pés (p. 205-229). Estar e andar. Ter os inimigos debaixo dos pés é a imagem imediata do poder por todo o Oriente antigo. Descalçar os pés é a expressão da fronteira e o lavar a outrem os pés, sinal de dependência e serviço. Os passos a seguir são o caminho de discípulo.

10. Corporalidade: domínio do efémero (p. 231-249). É no corpo que se transportam os sinais denunciadores do carácter efémero, da quase sazonalidade do humano, que no tempo seguinte murcha como a erva do campo.

Na simplicidade do seu discurso, muito enriquecido de textos e de imagens provenientes do mundo oriental em geral, este livro é uma bela leitura sobre as paisagens da antropologia simbólica da corporalidade, sobre a identidade do ser corpo.

José Augusto M. Ramos

RAFAEL JIMÉNEZ ZAMUDIO, *Gramática de la lengua sumeria*, Ediciones Clásicas, Madrid, 1ª ed. 1998, 295 pp. I.S.B.N.: 84-7882-336-0.

O Autor formou-se primeiramente em Línguas Clássicas em Salamanca, mas dedicou-se posteriormente ao Sumério e Acádico, sendo actualmente professor dessas línguas na Universidade Autónoma de Madrid.

A gramática que nos apresenta constitui um passo significativo no contacto de um público mais alargado com o sumério, língua que

tem razões históricas e estruturais específicas para merecer a curiosidade de muitos e para satisfazer profundamente essa curiosidade. Foi a língua que serviu de suporte à escrita e à cultura da Mesopotâmia durante longos séculos, funcionando de algum modo como o latim dos milénios antes de Cristo. Além disso, é uma língua de estrutura aglutinante, independente dos dois blocos básicos que a história nos deu como contacto mais directo, o indoeuropeu e o semita.

E o modelo científico-pedagógico escolhido é, ele também, um progresso no âmbito da bibliografia acessível neste sector. O sumério é uma língua recentemente conhecida e sem pontos de apoio noutras. A sua esquematização teórica vai naturalmente mais atrasada do que a acádico, apesar de esta última ser em boa parte subsidiária do sumério. Basta ver a página e meia de bibliografia elementar (p. 5-6), para nos darmos conta que, do muito que já se encontra à disposição, há coisas que são especializadas e extensas demais e outras que são excessivamente genéricas e elementares. As gramáticas eficazes e acessíveis são poucas. Esta foi planificada de modo a oferecer uma real introdução para a língua e não somente os seus conceitos básicos, mas também de modo a que o principiante possa realmente progredir, sem que a complexidade e a diferença lhe provoquem demasiados tropeços.

A gramática propriamente dita está distribuída em quinze temas, dos quais quase metade tratam dos verbos. Passados os dois primeiros temas, que são integralmente práticos porque estão sobretudo voltados para a escrita da língua, todos os temas estão acompanhados de exercícios progressivos, transformando esta gramática, que não é propriamente elementar, num pedagógico método de estudar mesmo para os que o pretendam fazer de forma autodidacta. Primeiro vem o contacto com a língua por meio de exercícios transliterados e depois, mas desde o início, a progressiva exercitação também na escrita cuneiforme.

Ocupando uma extensão quase tão grande como a da gramática propriamente dita (p.173-295), vêm vários apêndices de grande utilidade: A. Sobre ortografia não usual ou noções de Emesal, uma forma de escrita e de língua que se convencionou chamar "língua delicada ou de mulheres", que é um tema de sociolinguística e de historiografia bastante sugestivo (p. 173-180); B. Bibliografia e abreviaturas (p. 181-206); C. Signário, com a lista de 597 signos da escrita com a numeração já convencional e apresentados na forma assíria mais simples e na forma paleobabilónica, mais antiga, seguidos imediatamente dos valores fonéticos transcritos e ordenados alfabeticamente, de modo a poderem-se procurar as palavras e sílabas no signário sumério

(p. 207-240); D. Glossário sumério, que é quase um mini-dicionário, tendo em conta a falta de dicionários práticos para o sumério e a intenção anunciada pelo Autor de proximamente publicar uma antologia mais ampla de textos sumérios (p. 241-295).

Enfim, que fazer com esta gramática? Inquestionavelmente, tomá-la não só como um laboratório de exercitação, mas sobretudo como um terreiro de festa.

José Augusto M. Ramos

LUISE SCHOTTROFF, SILVIA SCHROER, MARIE-THERES WACKER, *Feministische Exegese*, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, Darmstadt, 1995. 262 pp. ISBN 3-534-12070-1.

Este livro pretende valorizar os resultados da investigação da Bíblia sob a perspectiva das mulheres. Quanto às Autoras, L. Schottruff é uma professora de Novo Testamento na Universidade de Kassel.; S. Schroer é professora de Antigo Testamento e do mundo pré-clássico na Faculdade de Teologia de Friburgo, Suíça; M.-T. Wacker é professora de Antigo Testamento e Teologia feminista na universidade de Münster. Todas elas são conhecidas desde há anos no âmbito da teologia feminista.

Este é já um livro de síntese sobre o confronto que os estudos feministas têm vindo a manter com a Bíblia. Sumariza-se a história da leitura e interpretação da Bíblia levada a cabo por mulheres desde o século XIX no contexto de língua alemã.

O tipo de exegese que aqui se propõe e se ensaia pode considerar-se feminista no sentido em que investiga a história das mulheres que na Bíblia se espelha, mostra as atitudes antifeministas ali testemunhadas e valoriza as tradições bíblicas portadoras de virtualidades libertadoras do papel da mulher.

Cada uma das três partes do livro é um capítulo próprio de cada uma das três autoras. A primeira parte (p. 1-79) é de M.-T. Wacker e propõe uma revisão sintética de várias questões teóricas, nomeadamente a história desta exegese e os seus grandes conceitos. De maneira bastante informativa e profunda, muito enriquecida com a imagem das bibliografias históricas, são passados em revista os grandes conceitos de patriarcado e matriarcado, androcentrismo, sexismo e expostas as interferências das principais metodologias de estudo da Bíblia com o feminismo.